

# 1º de Maio

Parece que o calendário é feito apenas para marcar os dias de folga e os feriados. Por quê? Não é assim? Vocês devem se perguntar: vai dizer que o calendário esconde coisas que não sabemos? Por exemplo, vocês saberiam me dizer o que aconteceu no 1º de maio para ele ser feriado? Quem olha o calendário só para procurar os feriados não vê que ele é feito de momentos de luta e de resistência que os poderosos procuram apagar. Resgatar esses momentos é uma das ações necessárias para que a vida não seja um eterno conformar-se diante da exploração e nem a busca desesperada de algo que nos ajude a esquecer o sofrimento do dia a dia. É com a história nas mãos que a dignidade abre caminhos rumo a um mundo onde há, finalmente, um lugar para todos e não só para um punhado de privilegiados. Isso mesmo o feriado do 1º de maio esconde “muitas coisas dos trabalhadores”.

Vejam, não sei se vocês perceberam, mas toda riqueza que existe ao nosso redor é o resultado do trabalho de milhões de trabalhadores e trabalhadoras que se esfolam de segunda a segunda em troca de um salário com o qual mal chegam ao fim do mês. Isso acontece porque a mixaria que vocês recebem representa só uma pequena parte do que produzem ao longo de uma jornada de 8 horas.

Trata-se de algo que, no máximo, corresponde a uns cinqüenta minutos de trabalho, enquanto o valor das mais de sete horas fica de graça para o patrão. Há, mas o patrão onde vocês trabalham pagam direitinho e recebem por todas as horas trabalhadas. Vejam o que vocês recebem como pagamento de um dia de trabalho corresponde ao que vai produzir das 6 horas da manhã até, no máximo, 50 minutos depois.

Nós temos a impressão de que todo nosso trabalho foi pago porque o valor que saiu do nosso suor neste curto espaço de tempo é dividido pelas 8 horas passadas na fábrica. Por isso a primeira vista, parece que todo o seu trabalho foi pago, quando, na verdade, a parte maior da riqueza que nasceu dele ficou com o dono da empresa. Nós sabendo disso agora, vamos entender

logo outra coisa importante: quanto mais horas vocês ficarem se esfolando, maior é o lucro que o seu patrão vai ter. Certo? Agora finalmente o que é que esta questão tem a ver com o 1º de maio.

Precisamos saber que, nas primeiras indústrias, a jornada de trabalho dos operários varia entre 14 e 16 horas diária. Se isso não bastasse, as fábricas são abafadas, mal iluminadas e sem nenhuma higiene. Os baixos salários obrigam famílias inteiras a vender sua força de trabalho e nem as crianças de sete anos são poupadas deste sacrifício. A fome tem um lugar privilegiado em seus lares acompanhados de perto pelas doenças contagiosas que se espalham rapidamente graças às péssimas condições de vida.

A morte ronda famílias operárias e ser levado por ela após os 40 anos é um privilégio para poucos. Portanto camaradas é nesta situação que trabalhadores e trabalhadoras descobrem na solidariedade a primeira forma de diminuir seus sofrimentos e de reagir. É assim também que pouco a pouco, nascem outras idéias e valores que ajudam a entender a situação em que vivem e a dar vida às primeiras ações de resistência. Entre os enfrentamentos mais duros e difíceis está, sem dúvida, a luta pela redução da jornada de trabalho.

### **Inglaterra**

Em 1819, por exemplo, os operários da cidade de Manchester, na Inglaterra, realizaram uma manifestação contra as injustiças a que estavam submetidos. O chefe do governo manda apontar os canhões contra eles e atira provocando um massacre. Apesar deste desfecho terrível, o movimento consegue a aprovação de uma lei que limita a 10 horas diárias o trabalho das crianças de nove a 16 anos.

### **França**

Na França, o início das lutas é um pouco diferente, apesar das condições de vida e de trabalho serem muito parecidas com as da classe trabalhadora da Inglaterra. Em 1830, várias categorias manifestam o desejo de reduzir a jornada de trabalho para 11 horas diárias, através de abaixo assinados e outras formas brandas que com o passar do tempo foi adquirindo um caráter menos reformista e com mais enfrentamentos diretos com a burguesia.

## **Estados Unidos**

Passando agora aos Estados Unidos, não vamos perder tempo descrevendo a situação de seus trabalhadores, pois ela não é muito diferente que acabamos de relatar na Inglaterra e França. Um acontecimento, porém, abalou os trabalhadores do mundo. Uma greve organizada pelos operários nos Estados Unidos foi brutalmente reprimida. Os líderes do movimento foram presos, julgados e mortos. Pagaram com a vida essa luta que mais tarde foi vitoriosa. Isso aconteceu no dia 1º de maio de 1886.

## **Brasil**

Mas como é o 1º de maio no Brasil?

Em primeiro lugar, vale a pena lembrar que enquanto o congresso socialista de Paris (França) delibera sobre o 1º de maio de 1890, o Brasil acaba de aprovar a lei áurea (último país do mundo a abolir a escravidão) em 1889, oficialmente!

No vaivém dos enfrentamentos, a elite procura fazer do 1º de maio um momento que reafirma sua visão da relação entre patrões e trabalhadores. Em 26 de setembro de 1924, um decreto do então presidente da república, Artur Bernardes, transforma essa data em feriado nacional. Ao falar do decreto, a mensagem presidencial enviada ao parlamento no ano seguinte diz: ***a significação que esta data passou a ter, nos últimos tempos, consagrando-se não mais a protestos subversivos, mas à glorificação do trabalho ordeiro e útil, justifica plenamente o nosso voto.***

Isso significa que os poderosos criam o feriado de 1º de maio quando ainda não há uma lei que determina a jornada de trabalho de oito horas, motivo das manifestações que deram origem a esta data.

O 1º de maio como feriado nacional é apenas mais um passo rumo às transformações que são implementadas por Getúlio Vargas entre 1930 e 1945.

Alternando boas doses de repressão a algumas migalhas, Getúlio consegue derrotar as organizações operárias que criticam o sistema e programa um sindicalismo dócil aos interesses do estado e dos patrões.

Será que a nossa luta acabou de vez? Não! “Não só elas não acabaram, como se mantém vivas nas ações de todos aqueles que fazem ecoar o grito de revolta dos camaradas que lutaram no passado. Nossa rebeldia, nossa dignidade e a nossa solidariedade são o combustível que alimenta o fogo subterrâneo do qual falava Spies ( um dos camaradas morto

em Chicago EUA/1886), após ouvir a sentença de morte. Os patrões fazem de tudo para apagar as faíscas, mas o fogo faz brotar outras onde eles menos esperam. Vejam só esta manchete de primeira página do jornal **A Plebe** de 1948: ***primeiro de maio é um dia de protesto. Não é “ festa “ do trabalho, como afirmam os mistificadores. O trabalho vive escravizando e os escravos não costumam festejar a sua escravidão.***

### **Ditadura militar 1964**

Nem a ditadura militar que se instala no Brasil em 1964 consegue apagar este fogo. Vocês lembram, por exemplo, do 1º de maio de 1980? Não? Pois saibam que já no final de março daquele ano os metalúrgicos do abc paulista dão início a uma longa greve. Em resposta a greve o ministério do trabalho fecha os sindicatos e cassa suas diretorias.

Diante dos acontecimentos, uma multidão de homens e mulheres responde às medidas repressivas do governo alimentando a solidariedade com os grevistas. Integrantes dos movimentos populares, das comunidades de base, dos sindicatos, das mais variadas associações e correntes políticas se organizam em todo o país para angariar os fundos que ajudarão a sustentar as famílias dos grevistas...

No dia 1º de maio daquele ano, 8 mil policiais armados até os dentes cercam São Bernardo do Campo. O governo ameaça punir as manifestações e interdita o estádio de Vila Euclides, praça municipal e a praça da matriz. Mas a participação no ato convocado pelas forças vivas do movimento supera todas as expectativas. Mais de 120 mil pessoas furam o bloqueio da polícia e ocupam os espaços que haviam sido proibidos fazendo tremer as ***bases da ditadura militar!***

Vocês podem achar que as coisas não são mais assim, parece que ninguém se importa com nada, etc. Aliás, a moda agora é o tal do ***showmício***, com direito a prêmios e festas organizados até mesmo pelos sindicatos que eram referências de luta...

Por acaso a exploração acabou? Os trabalhadores e as trabalhadoras estão tão bem assim que hoje já não precisam reagir aos mandos dos patrões? Vocês já perceberam que os tapinhas nas costas e os sorrisos que os empresários distribuem nas melhores empresas, são retribuídos com o aumento do ritmo de trabalho, da produção e com uma progressiva diminuição do número de funcionários? A classe trabalhadora não reage porque todos os

seus membros viraram cordeiros que vão alegres para o matadouro? Ou é porque ainda não conseguiram transformar sua revolta em ação? Até quando vão agüentar calados a retirada dos poucos direitos que lhes restam?

Pois, saibam que a dignidade e a rebeldia continuam vivas mesmo quando não conseguem vir à luz em manifestações que sacodem a história. Não são poucas as pessoas que debaixo da terra guardam, protegem e alimentam o fogo do qual falava o camarada Spies. O fato dos patrões estarem ganhando não significa que estamos perdidos. O jogo apenas começou, e eles sabem disso.

**O que precisamos mesmo é dar forma e cor à esperança, devemos torná-la concreta e coletiva para contagiar mais pessoas e fazer com que não se conformam com o sofrimento. Só assim vão começar a perceber que um novo amanhã depende da nossa capacidade de mudar efetivamente os rumos da história e não a boa vontade deste ou daquele sujeito. Por isso, comemorar o primeiro de maio não é apenas lembrar do passado. É, sobretudo, renovar o compromisso de lutarmos contra toda forma de injustiça e exploração que condenam à fome e ao esquecimento de milhões de seres humanos no mundo inteiro.**

Silvio Lima - abril de 2004.

- Texto/ adaptado Nádia, a coruja, fala do 1º de maio.
- De Emílio Gennari - NEP- 13 de maio